
A LINGUAGEM NO ORKUT E NA SALA DA AULA: DESVELANDO UM COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO DOS JOVENS

Robson Fonseca Simões¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo tentar compreender um comportamento lingüístico na escrita dos jovens em sala de aula, assim como no espaço virtual criado pelos próprios alunos, a saber, no *orkut*, para deixá-los informados, instruídos e vinculados na vida escolar e social. Defendemos a hipótese de que estas especificidades lingüísticas constroem diferentes identidades ao longo do tempo, contribuindo, assim, ao entendimento de que o uso da linguagem revela diferentes graus de funcionamento cujos mecanismos normativos nem sempre estão presentes. Trazemos, para nos ajudar na discussão, autores como Mikhail Bakhtin, Wanderley Geraldí, Pierre Lévy e Maria Tereza de Freitas, que ajudam a perceber que a língua não é algo imóvel, morto ou petrificado da vida social, mas move-se continuamente e seu desenvolvimento segue a vida social. Minha atenção para o chamado *internetês* foi despertada há algum tempo, na prática do curso de língua portuguesa, em uma escola pública do Rio de Janeiro. Percebemos a utilização constante dessa nova manifestação lingüística nas composições e demais atividades em sala de aula. E longe dela, na comunidade do *orkut*, multiplicam-se exemplos de uma linguagem extravagante com indícios de uma língua produzida com apelo subjetivo. Assim, muito mais do que respostas, a nossa expectativa é de suscitar questionamentos que nos levem a repensar sobre um comportamento lingüístico, sobretudo o contemporâneo, considerando, talvez, que os jovens locutores clamam por novidades, desejando um mundo cujas palavras sejam as suas armas e a língua a sua força.

Palavras-chave: juventude, linguagem e subjetividade.

“Nossa fala, isto é, nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros. Elas introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos”.

Mikhail Bakhtin

JUVENTUDE: UMA INTRODUÇÃO

O que se entende por juventude? De que forma os jovens se comunicam neste novo mundo virtual? A minha atenção para o chamado *internetês* foi despertada há algum tempo na prática do curso de língua portuguesa, no ensino técnico em uma escola pública do Rio de Janeiro. Percebemos a utilização constante dessa nova manifestação lingüística nas composições e demais atividades em sala de aula. Como lidar com esse eco tecnológico? De que forma os educadores poderão tratar com este fato? Qual o significado desta nova combinação? Essas e outras questões são algumas propostas de reflexão do presente trabalho para analisar o comportamento lingüístico dos jovens no mundo contemporâneo. Baseamo-nos na Teoria Enunciativa da Linguagem, de Mikhail Bakhtin, para compreender que a língua não é algo imóvel, morto ou petrificado da vida social, mas move-se continuamente e seu desenvolvimento segue a vida social.

¹Mestre em Educação. Professor de Língua portuguesa e Literatura brasileira no CEFET Química-RJ, na Escola Americana ICS-RIO, nos ensinos médio e fundamental. Pesquisador e colaborador do Grupo GPIME – Infância, Mídia e Educação do ProPec-UERJ. e-mail: fonsim2000@hotmail.com.

Falar da juventude, talvez, signifique produzir o movimento, tomar posse da ação, romper os limites e transformar-se em energia num tempo e lugar. O sentido de força jovem é enfatizado pela autora Kehl (2004, p. 89): “A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir.” É nesse contexto que o jovem se integra ao processo social, incluindo-se como um agente protagonista de seu tempo nos inúmeros acontecimentos, encontros e desencontros.

JUVENTUDE: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Numa análise sociológica, adolescência e juventude aparecem como fases sucessivas do desenvolvimento individual, a adolescência ainda próxima da infância, a juventude mais próxima da maturidade. Para a autora Foracchi (1972, p. 30), a crise da adolescência é restrita ao conflito de gerações entre indivíduos e grupos circunscritos de idades diferentes. Esta crise evolui, mais tarde, para uma crise da juventude, quando “o conflito de gerações desloca-se para o plano da sociedade”.

Grosso (2000, p. 7) enfatiza que “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”. Nesta concepção, o conceito de jovem na sociedade não constitui uma classe social ou grupo homogêneo como muitas análises permitem corroborar.

A história da juventude nas sociedades garante as mais curiosas aventuras desenvolvidas por estes protagonistas singulares. Ariès (1981, p. 48) ratifica o movimento juvenil na história:

“Juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada [...] A consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os ex-combatentes, e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes, até mesmo na América. Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente”.

As faixas etárias reconhecidas pela sociedade moderna sofreram várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos. Assim, as categorias sociais que delas se originaram também tiveram mudanças. Surgiram os termos como infância, adolescência, juventude, adulto, idoso, velho e outros. Será que se pode pensar a vida por etapas? É possível dividir a vida humana em espaços de tempo?

Ao ser compreendida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, nos faz pensar que é uma concepção, representação ou uma criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

Para enfatizar os dois critérios principais na definição de juventude, Grosso (2000, p. 9) afirma que há o critério etário – delimita a juventude de acordo com faixas de idade, por exemplo, de 15 a 21 anos, de 10 a 24 anos, de 14 a 19 anos, etc – e o critério sociocultural – o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional, regional etc.

Os jovens, a cada dia, se surpreendem e criam novos valores e práticas ampliando os seus limites e fronteiras. A linguagem nas salas de bate-papo e no *Orkut* é uma das novas manifestações no mundo contemporâneo.

O QUE É INTERNET? O QUE É ORKUT?

A internet é uma rede capaz de interligar todos os computadores do mundo. Ela é parecida com o sistema telefônico internacional, ninguém é proprietário ou controlador de todo o sistema, mas ele está conectado de tal maneira, que o faz funcionar como uma grande rede. O que faz a internet tão poderosa assim é a linguagem que atende pelas siglas TCP/ IP (Protocolo de Controle de Transferência). Todos os computadores que entendem essa língua são capazes de trocar informações entre si. Assim, podem-se conectar máquinas de diferentes tipos, como Pcs, Macs e Unix.

Se você pretende acessar um computador no Japão, por exemplo, basta conectar-se a um computador ligado à internet na sua cidade. Os provedores internet podem oferecer vários serviços. Os usuários copiam arquivos, enviam mensagens para outros usuários, participam de grupos de discussão etc.

Lévy (1999, p. 145) enfatiza que os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente. Tornam-se, nesse caso, um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes. Ele afirma que podemos distinguir dois grandes tipos de mundos virtuais: aqueles que são limitados e editados, como os *cd-roms* ou as instalações fechadas (*off-line*) e aqueles que são acessíveis por meio de uma rede e infinitamente abertos à interação, à transformação e à conexão com outros mundos virtuais (*on-line*). Logo, o mundo virtual funciona como meio de troca de mensagens com os usuários, contexto dinâmico acessível, em princípio, a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real.

O *Orkut* é uma rede social filiada ao Google, criada em 22 de janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, *Orkut Büyükkökten*, engenheiro turco do *Google*. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social.

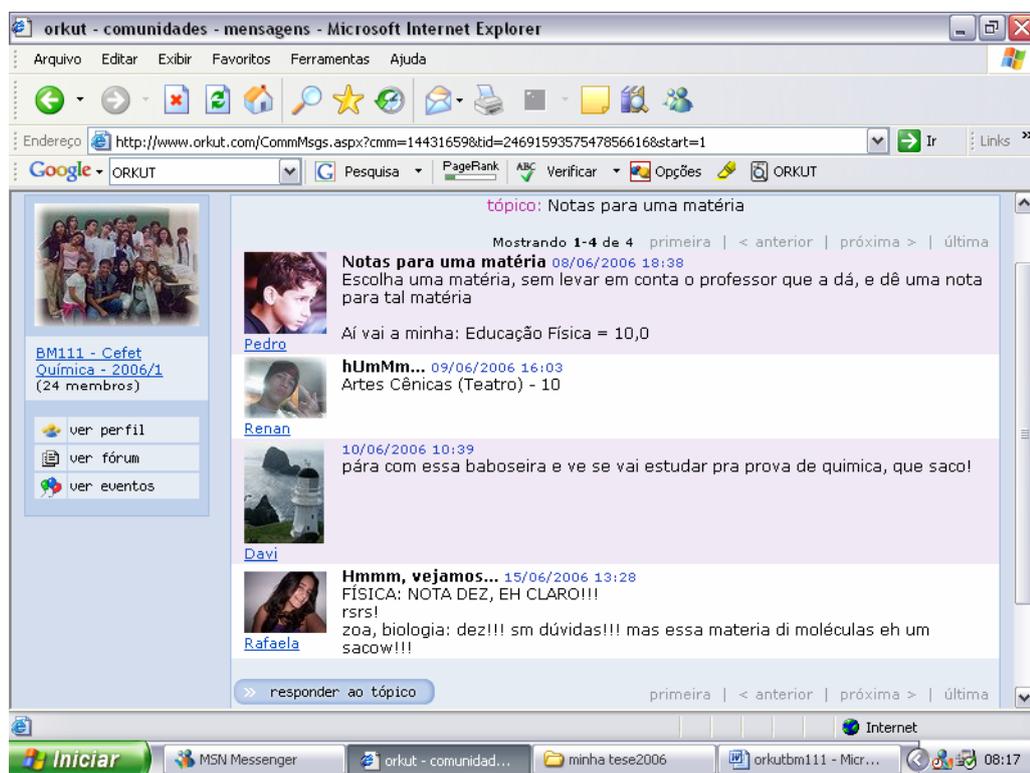


Figura 1 – ORKUT DA TURMA BM-111 [CEFET QUÍMICA-RJ]

As pessoas podem entrar nas comunidades, que podem funcionar como fóruns de interesses comuns. Por exemplo: se alguém gosta de alguma disciplina, pode-se entrar em uma comunidade com o nome *Eu amo Artes Cênicas*, adicionando a sua foto preferida. Percebemos, assim, a linguagem verbal e a não-verbal construindo os sentidos de um discurso eletrônico. Outras pessoas podem participar desta comunidade também e, assim, poderão discutir sobre o assunto em especial, não obrigatoriamente. Nas comunidades existem duas áreas de interação: o fórum e os eventos. O fórum funciona por meio de tópicos. Uma pessoa elabora um assunto, com um título e um texto e permite que outros possam lê-lo e deixar alguma mensagem. É possível conversar no *Orkut*, porém não de forma instantânea.

Nesse espaço, os jovens usuários se comunicam com enunciados turbinados, no sentido de se comunicarem rapidamente, criando signos com menos letras para interlocução, contudo os significados garantem uma comunicação entre o emissor e o receptor, protagonistas de uma cultura jovem. Freitas (2005, p. 29) afirma que a mediação é um processo dinâmico no qual as ferramentas ou artefatos culturais modelam as ações das pessoas. Entretanto, essa modelagem só acontece na medida do uso que dela fazem os indivíduos. Uma nova ferramenta cultural altera todo o fluxo e a estrutura das funções mentais. E nesta acepção percebemos que no processo da construção de sentido, a análise semiótica e o conjunto dos signos contribuem à tentativa de um diálogo entre os jovens usuários, despertando, assim, uma cultura lingüística no mundo virtual.

Ora, estes sujeitos se utilizam da linguagem para se manifestarem. É neste contexto que o lingüista Fiorin (2003, p. 65) explica a linguagem: “A linguagem autoriza toda sorte de alterações de significado, de violações semânticas, quando se ultrapassam as fronteiras estabelecidas entre o animado e o inanimado, o humano e o não humano, o concreto e o abstrato, etc”. Afinal, o que é a linguagem? Buscamos em Fiorin e Bakhtin algumas considerações acerca da linguagem para nos ajudar a compreender esta ferramenta tão imprescindível nas nossas vidas.

A ATIVIDADE LINGÜÍSTICA PARA FIORIN

Para o autor brasileiro, a atividade lingüística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. O pôr-do-sol é um exemplo disso. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe pôr-do-sol, uma vez que a Terra que gira em torno do sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta a todos nós. Uma nova realidade, uma nova invenção, uma nova idéia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência. Outro exemplo: Apagar algo no computador é uma atividade diferente de apagar o que foi escrito a lápis, à máquina ou à caneta. Por isso, surge uma nova palavra para designar essa nova realidade: deletar. No entanto, se essa palavra não existisse, não se perceberia a atividade de apagar no computador como algo diferente. Nesta acepção, Fiorin (id., p. 56) afirma que “as palavras formam um sistema autônomo que independe do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa”. É neste sentido que entendemos a utilização das novas formas lingüísticas na internet para que elas componham um conjunto de palavras que juntas possam revelar as novas formas de expressão do mundo virtual, com signos arbitrários e inovadores intensificando um ritmo próprio para aquele universo virtual.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM COM BAKHTIN

O que é a linguagem para Bakhtin? Para ele, a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. E o que é a língua? Ela é entendida não como um sistema abstrato de formas lingüísticas à parte da atividade do falante, mas como um “processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação”, que é a sua verdadeira substância. O autor russo valoriza a fala, que não é individual, senão social e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, instaura também a interação.

Bakhtin situa a realidade material, ou seja, a língua, bem como aos indivíduos que a usam, em um contexto sócio-histórico. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (BAKHTIN, 1997, p. 282), da mesma forma que, através deles, a vida penetra nela. E nesse intercâmbio de vozes, a palavra (o signo lingüístico) se estabelece, sobretudo, como um fenômeno ideológico, pois é impregnada de valores culturais e sociais, contribuindo à formação de um palco de elocução. Contudo, esse organismo vivo não pertence a ninguém, estando a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor.

O autor russo entende que o signo lingüístico tem, pois, uma plurivalência social que se refere ao seu valor contextual. O fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema lingüístico proporciona um manifesto das palavras com valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto em que ocorrem. O sentido se evoca a partir da situação social: “A vida da palavra, sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social, de uma geração a outra”. (id., p. 263).

O que é ligada à plurivalência nos estudos do signo bakhtiniano é a mutabilidade. E o que vem a ser esta característica lingüística? Uma vez que como reflexo das condições do meio social, a palavra é sensível às transformações na estrutura social, registrando todas as mudanças. As palavras permanecem ligadas às relações sociais e são tecidas a partir de uma infinidade de fios ideológicos, portanto, serão “sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. (id., p. 141).

Entendemos que o autor russo define a enunciação, não apenas como realidade da linguagem, mas também como uma estrutura sócio-ideológica. Assim, a enunciação não parte de um sujeito individual, considerado isoladamente, ela é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece.

Considerando a enunciação como a marca de um processo de interação entre sujeitos, uma vez que a palavra é uma via de mão dupla, isto é, parte de alguém com destino a outro alguém, Bakhtin instituiu o princípio dialógico para o estudo do seu objeto.

O PRINCÍPIO DIALÓGICO NA ENUNCIÇÃO

O foco do princípio dialógico está na filosofia do diálogo ou da relação que se efetiva com os seres humanos. Assim, o homem não é apenas um ser individual, mas uma relação dialógica entre “eu-tu”. O “tu” é uma condição de existência do “eu”, uma vez que a realidade do homem é a realidade da diferença entre um “eu” e um “tu”. Logo, o “eu” não existe individualmente, senão como abertura para o outro.

Bakhtin ratifica que o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. E de que diálogo estamos falando? Do diálogo com a vida social e cultural do homem. É pos-

sível pensar que tudo o que nos cerca nos é compreendido por meio da voz ou da palavra de um outro. Logo, o enunciado daquele outro é um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um mosaico de opiniões e visões de mundo. Nessa relação dialógica que é o discurso, são instituídos sentidos que não são os precursores do momento da enunciação, mas que fazem parte de um processo contínuo de movimento. Repensando, entendemos que o indivíduo não é a origem do seu dizer.

Nesta acepção, é importante pensar o homem em relação aos outros homens e considerar que o indivíduo se faz social na relação horizontal com a vida, ou seja, ele se constitui verdadeiramente humano numa relação viva, isto é, num elo de afinidades com outros seres humanos, visto que “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”. (BAKHTIN, 1992, p. 313).

Percebemos que o fenômeno social da interação é a realidade fundamental da linguagem, realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e através da enunciação.

Neste sentido, a enunciação é determinada pela situação social imediata e pelo meio social, sendo organizada, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. Ela é, portanto, um produto da interação social (id., p. 121).

O autor russo destaca que a intenção social sempre se dá entre três participantes: o falante, o ouvinte e o tema do discurso (o herói), fatores que constituem esse discurso.

O discurso é como o “cenário” de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve “encená-la”, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel do ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (BAKHTIN, 1997, p. 199)

O autor entende que nesse movimento em direção ao outro a alteridade se instaura, tendo como elo de ligação a linguagem. “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (ibid)

E de que forma a alteridade se estabelece?

DO DIALOGISMO À ALTERIDADE

O princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Reconhecer a dialogia é encontrar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior.

Entendemos que ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, porém intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Logo, a relação dialógica é polêmica, uma vez que não há passividade. Nela, o discurso é uma espécie de jogo, um movimento, tentativa de transformação e até mesmo subversão dos sentidos lingüísticos. Assim, o sentido de um discurso não pode ser o último: a interpretação é infinita. Percebemos a evolução dos enunciados, essa possibilidade sem fim de sentidos já esquecidos voltarem à memória, provocando renovações dentro de outros contextos.

Mesmo o enunciado, essa unidade concreta produzida pelo ato enunciativo, é definido por Bakhtin como uma expressão lingüística orientada para o outro. Assim, a construção de um discurso levará em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, bem como a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre

o mesmo assunto, retidos na memória. “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado”. (id., p. 325).

Nesta acepção, entendemos que é no enunciado que se dá o contato entre a língua e a realidade. A escolha das palavras para a construção de um enunciado leva em conta outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor se posiciona. Assim, quando reproduzimos o discurso do outro, nele podemos captar uma dupla expressão: a original, do outro, e a expressão utilizada, que é por nós introduzida no enunciado do qual vai fazer parte.

Para o autor russo, de fato, a produção do discurso envolve um trio, composto pelo autor, pelo destinatário e por todas as vozes-outras que sempre nele habitavam, pois o diálogo é o acontecimento do encontro e interação com a palavra do(s) outro(s). A alteridade é, para o autor, um processo dialógico em que o elemento comum é o discurso.

O DINAMISMO DAS LÍNGUAS: AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Entendemos que as línguas mudam com o tempo. Basta compararmos com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia etc.

Esta mudança a longo prazo, através dos séculos, não se processa de maneira instantânea ou abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior. De fato, as mudanças lingüísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais amadurecidos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas que trabalham em atividades que exigem uma boa apresentação para o público.

Assim, os eixos da própria estrutura lingüística não são diferentes. Mollica (2003, p. 42) nos ajuda pensar que todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Assim, com o advento de um novo cenário lingüístico virtual, não poderia ser diferente. Mudanças na linguagem virtual corroboram os processos de construção de novos sentidos, nos aproximando novamente de Bakhtin para entendermos a interação verbal: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 123).

DISCURSOS NO ORKUT: GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE NA CULTURA VIRTUAL

Não podemos deixar de refletir sobre os chamados gêneros textuais. Este assunto vem sendo tratado pelos pesquisadores da linguagem e educadores desde quando surgiram a Lingüística do Texto, a Análise Conversacional e a Análise do Discurso. O enfoque dado aqui, sem a pretensão de esgotá-lo, são os gêneros textuais no discurso eletrônico, no domínio do *Orkut*, que é o mais recente, embora já apareçam muitos estudos específicos sobre esse novo modo discursivo também denominado discurso eletrônico.

Se tomarmos o gênero como texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana, ser-

vindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nessa nova combinação participativa. Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas esse novo plano que forma a noção do gênero. Entendemos que é preciso apreender e interpretar os gêneros discursivos presentes nos sites, nesta reflexão, no *orkut*, pois qualquer interlocução/interação pode ser definida como produção de linguagem que se realiza, portanto, através desses gêneros.

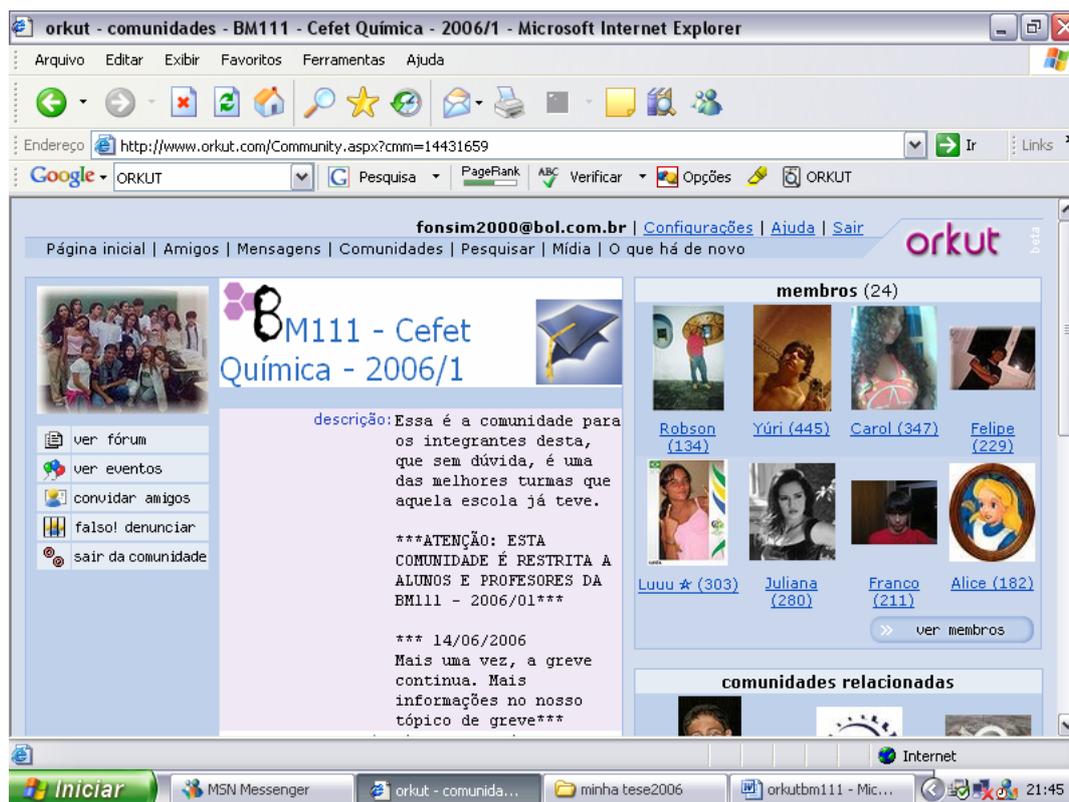


Figura 2: PÁGINA INICIAL NO ORKUT DA TURMA BM-111

No quadro acima, criado pelos sujeitos da turma BM-111 do CEFET QUÍMICA-RJ, talvez, três aspectos tornam a análise deste gênero relevante: a) o seu intenso movimento e um uso cada vez mais generalizado; b) sua peculiaridade funcional, considerando a sua utilização para a troca de informações dos alunos, como data das provas, passeios, etc; c) a possibilidade de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. Com isso, o discurso turbinado constitui um bom momento para se analisar o efeito das novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias.

Os tópicos da comunidade garantem um novo contexto, um novo assunto para ser discutido em grupo e explorado por cada componente. Ou seja, como reflete Marcuschi (1999, p. 18) “trata-se de um processo de leitura/escrita multilinearizado, multissequencial e não-determinado, realizado em um novo espaço, o ciberespaço”. Sendo assim, o hipertexto eletrônico, segundo aquele autor, traz as seguintes características que determinam sua natureza: a não-linearidade, principal característica do hipertexto eletrônico; abarca a flexibilidade das diversificadas ligações entre os nós que constituem as redes e permitem a elaboração de trajetos vários. A volatilidade designa a falta de

estabilidade do hipertexto eletrônico e toda a efemeridade das opções e conexões que o leitor estabelece. Em sua essência, esta característica aponta para a virtualidade do hipertexto eletrônico, ou seja, é daí que decorre parte de suas outras propriedades. A topografia evidencia a inexistência de uma hierarquia e de tópicos no hipertexto eletrônico, o que faz do mesmo um espaço de leitura/escritura sem limites bem definidos, característica esta, que é inovadora, posto que não conta com a estabilidade que compõe os limites dos textos materializados no papel. A fragmentariedade consiste na ligação de pequenos textos que podem se constituir enquanto retornos ou fugas. Tal característica é central para a noção de hipertexto eletrônico, que apesar de possuir uma temática centralizante, nele, o autor acaba por perder o controle do tópico e do leitor. A acessibilidade ilimitada consiste na possibilidade intrínseca ao hipertexto que viabiliza o acesso a todo tipo de fonte como dicionários, enciclopédias, museus, o que em princípio, não aponta limites quanto às ligações que permite estabelecer. A multimediosidade, por sua vez, implica na hipótese de interconectar simultaneamente aspectos verbais e não-verbais, de forma integral. A interatividade refere-se à interconexão interativa que é fruto da multimediosidade e da acessibilidade ilimitada, além de ser resultado da relação de um leitor-navegador com múltiplos autores que se sobrepõem em tempo real. E, por último, a interatividade, designa a natureza intertextual marcada pelos recursos textuais de textos ou fragmentos em forma de notas, citações, consultas, entre outros.

Podemos dizer que os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem. Assim, o meio eletrônico oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos que não se oferecem nas relações interpessoais face a face.

DA INTERNET PARA A SALA DE AULA

As possibilidades de uso da internet como ferramenta educacional estão crescendo e os limites dessa expansão são desconhecidos. A cada dia surgem novas maneiras de usar a internet como recurso para enriquecer e favorecer o processo de aprendizagem.

As novas tendências de uso do computador na educação mostram que ele pode ser um importante aliado neste tempo das tecnologias que nos remete ao futuro. Neste novo relacionamento, observam-se novos diálogos e, portanto, novas linguagens.

Quando surgiu, a linguagem típica dos jovens na internet – onde *aqui vira aki, não é naum, beleza é blz* – parecia estar restrita aos chats, blogs e msns. O uso do “internetês”, no entanto, já começa a influenciar a escrita nas salas de aula.

Após observarmos essa conduta com os alunos matriculados no terceiro ano do ensino médio, optamos em examinar atentamente se esta prática lingüística também se efetivava juntos aos futuros alunos desta instituição, na correção das redações do concurso público realizado no mês de novembro de 2005, para o CEFET-QUÍMICA-RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica de Química do Rio de Janeiro, portanto, alunos que foram aprovados e matriculados na turma BM-111 do ensino técnico.

Percebemos nestas composições a prática de uma escrita codificada aliada a uma escrita normativa que juntas rompem com os padrões normativos constituindo-se num mosaico lingüístico, ou seja, num palco de elementos inconclusos.

DESVELANDO O MOSAICO LINGÜÍSTICO

Na busca de narrativas que aos olhos da norma culta revelam um verdadeiro “frisson” em romper com padrões lingüísticos e talvez chocar o professor interlocutor, os autores desse palco de transgressões escritas se articulam com desembaraço movidos por uma criatividade e desejo de comunicação imbuídos com o espírito narrativo da internet.

Assim, mais uma vez nos aproximamos de Bakhtin (1997, p. 311) quando nos referimos à habilidade individual da enunciação do pensamento, manifestando uma tendência que se desvincula dos padrões normativos lingüísticos imprimindo significados com recursos que revelam ou denotam a intensidade de um sentimento ou de um estado de espírito: “apenas o contato entre significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade - que se dá no enunciado - provoca lampejo da expressividade”.

A última questão desse processo seletivo requeria que o aluno escrevesse num parágrafo completo (introdução, desenvolvimento e conclusão), de oito a doze linhas, a sua reflexão acerca da tecnologia da informação tão presente no mundo contemporâneo. Nas outras questões da prova de língua portuguesa havia quatro textos que imprimiam um olhar adverso no que diz respeito ao manuseio da internet nos dias atuais. O enunciado da questão da redação afirmava que não era preciso seguir, necessariamente, o mesmo ponto de vista dos autores da prova.

Vejamos alguns trechos que aparecem nas composições dos alunos para refletirmos sobre a utilização desses termos codificados do espaço virtual na escrita do aluno em sala de aula:

- 1 – “...A internet ajuda mas se **vc** não entender, ela prejudica”.
- 2 – “ ...elas **naum** param pra entender **vc**”.
- 3 – “ ...ele faz **atraveis** das teclas do computador e **vc neim** percebe”.
- 4 – “ ...as máquinas **teem** grandes utilidades pra **nois**”.
- 5 – “... mas é **tb** importante para **nois** a informação”.
- 6 – “... não imaginei a **blz** desse aparelho pra agilizar os cálculos”.
- 7 – “... você **tá** falando e **neim** sabe”.
- 8 – “... **cês** merecem, o computador **naum**”.
- 9 – “... o computador **eh** útil pra população **tc** e conversar”.
- 10 – “...as pessoas **naum** criam mais, pra que ter esse esforço ?”

O mosaico lingüístico está instituído. Esse discurso escrito composto de uma série de elementos ora do mundo virtual ora da gramática normativa nos remete a Fiorin (2003, p. 43) quando ratifica que os participantes de uma comunicação vão-se modificando, vão-se transformando, vão-se construindo na comunicação. Há, portanto, uma inversão de perspectiva: os sujeitos da comunicação não são dados previamente, mas constroem-se ao comunicar-se. E neste palco de vozes inconclusas percebemos que os autores conseguem articular os domínios das linguagens imbuídos de subjetividade.

Traços de oralidade, processos discursivos criativos, palavras e sentenças inconclusas, contudo, férteis de significados para o autor que o compreende no todo de uma cadeia, enfim, retomando a questão de que o professor se torna o outro do aluno para a sua produção escrita, isso nos leva

a admitir, assim como o autor, que no processo de construção/produção do texto, seja de que natureza for, o sujeito se apodera desses elementos que se reproduzem, dos “já-ditos”, e com base neles constrói seu próprio discurso, um novo sentido carregado do lugar social em que se situa. Assim, nós educadores paramos e nos questionamos: Como lidar com isso? De que maneira cercear a escrita dos jovens e adolescentes na sala de aula do domínio dos signos lingüísticos do espaço virtual? Eis algumas questões para o professor do tempo das tecnologias repensar e considerar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação em falar e escrever bem está diretamente ligada à gramática normativa que tão somente reconhece o uso e a autoridade dos escritores corretos, dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos. Bechara (2001, p. 52) nos auxilia para explicar essa gramática: “Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social”. Nesta acepção, entendemos estar presente no ambiente escolar a predominância da escrita normativa embora o educador trabalhe com os mais variados gêneros discursivos na sala de aula para que os alunos dominem os diversos tipos de textos. Cabe à escola, portanto, propiciar aos alunos o domínio dos gêneros para que eles possam usá-los com desembaraço em todos os momentos de suas vidas.

Salientamos que nas origens dos estudos lingüísticos, os modelos da teoria da informação apresentados são essencialmente lineares, ou seja, tratam da transmissão da mensagem de um emissor a um receptor, sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana, ou seja, da possibilidade que tem o receptor de tornar-se emissor e de “realimentar” a comunicação, ou do alargamento e complexidade da comunicação que pode, por exemplo, dirigir-se a um destinatário, mas visando ao outro. Assim, Fiorin (2003, p. 42) afirma: “A comunicação deve ser, portanto, repensada, nesse quadro, não mais como um fenômeno de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Neste sistema interacional importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor”.

Neste sentido, entendemos que com o advento da tecnologia, sobretudo com a internet faz necessária uma reflexão sobre a produção das narrativas na sala de aula. Não estamos criticando aqui o trabalho que a escola desenvolve para trabalhar os gêneros discursivos, contudo ajudar a repensar de que maneira podemos entender e trabalhar a linguagem no mundo contemporâneo.

A informática, em especial, como outros avanços tecnológicos, está nos obrigando a uma nova alfabetização. Esse assunto é da educação e, portanto, precisamos dele para ler os dados específicos, mas principalmente para termos uma nova leitura do mundo. Mesmo com a existência de mecanismos outros de divulgação (LOPES, 1999, p. 92), como as redes de computadores, tipo internet, a possibilidade de socialização do conhecimento ainda enfrenta enormes obstáculos: “Não basta a existência de acesso às informações, mas a socialização de todos esses meios, o que exige condições de trabalho e de estudo adequadas e possibilidade de processamento dessas informações”. Assim, entendemos que a formação dos professores é de suma importância para se manter um educador comprometido e atualizado.

Retomamos Paulo Freire para não nos esquecermos de que há uma realidade de exclusão digital no Brasil, portanto não devemos ignorar essa realidade brasileira que ainda se faz presente

nesse tempo contemporâneo. Num tempo de novas linguagens, entendemos que é mister aproximar tanto o educador quanto o educando dessas novas ferramentas tecnológicas.

Entendemos que a linguagem é utilizada da mesma forma que os trajes sociais requerem as respectivas indumentárias. Por exemplo: um traje a rigor utilizado nas grandes reuniões, nos bailes e cerimônias exige um smoking masculino e um vestido longo feminino. O traje de passeio, o que se caracteriza pelo aspecto convencional, pede o terno masculino e um tecido requintado feminino. O de banho de mar implora o biquíni feminino e a sunga de praia masculina.

Desse modo, estimular os jovens alunos a ter consciência na utilização da linguagem apropriada para os mais diversos espaços, parece-nos um caminho que viabiliza a compreensão da importância da linguagem oral e escrita para as nossas vidas.

Poderíamos ousar e perceber que ensinar a ler e escrever jamais pode ter reprodução e forma homogêneas. Leitura e escrita precisam ser consideradas como processos de abstração a partir de situações reais que impõem reflexão e articulação em um tempo de multilingüismo e variados signos submetidos aos caleidoscópios lingüísticos.

Trabalhar com leitura e escrita é, sobretudo, saber ensinar a pensar e criar, a conceituar e compreender, permitindo que o educando se aproprie da realidade interpretando-a, produzindo-a e transformando-a.

Assim, trabalhar a linguagem nos diversos espaços, tempos e lugares estimula no alunado a consciência de uma articulação da língua mais apropriada em cada momento de sua vida, em cada viagem que desejar fazer, seja virtual ou real.

Entendemos ser evidente que não se pode garantir uma resposta que vislumbre a extinção do problema existente, contudo a formação de uma consciência lingüística crítica e observadora é necessária para o educador do mundo contemporâneo.

Assim, continuemos, educadores e pesquisadores atentos às vozes na sala de aula ou fora dela para ajudar a desvendar ou, ao menos, a instigar o outro a se aventurar por esses caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÏNOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Edições Loyola, 2002a.
- _____. Raquel Goulart. Novas tecnologias na escola: uma revolução educacional? In: *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v. 3, n. 13, 1997.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.
- CARRANO, Paulo. *Os Jovens e a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.
- COSCARELLI, C. V. *O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem*. Belo Horizonte: P. Pedagógica, 1999.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória: para além do estruturalismo e da hermenêutica*; tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à Lingüística*. I - Objetos Teóricos. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Edusp, 1972.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. Maria Tereza de Assunção. *Televisão, internet e educação: estratégias metodológicas com crianças e adolescentes*. Campinas: CEDES, 2005. (Cadernos Cedes 65)
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LEVI, Giovanni. *História dos jovens*. Tradução: Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999.
- LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averborg. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Línguas e instrumentos lingüísticos. Editora Pontes, nº 3, 1999.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolingüística*. O tratamento da variação. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NOVAES, Regina (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz. Rio de Janeiro: Ed. 334, 1993.

ABSTRACT

This paper aims at trying to understand a certain linguistic behavior in young people's classroom writing, as in the virtual space created by the students themselves on Orkut, in order to make students informed, educated and linked to school and social life. We defend the hypothesis that these linguistic specificities build different identities through time, thus helping to understand that the use of language reveals different degrees of functioning, whose normative mechanisms are sometimes absent. Authors such as Mikhail Bakhtin, Wanderley Geraldi, Pierre Lévy e Maria Tereza de Freitas were brought to the discussion, making clearer to comprehend realize that language is not immobile, dead or petrified in social life but something that moves continuously, and whose movement follows it. The so-called internetese has recently sprung into attention, while lecturing Portuguese in a public school in Rio de Janeiro. We have noticed the constant use of this new linguistic manifestation in essays and other classroom activities. Even far from it, in the Orkut community, one spots many more examples of a flamboyant language, giving evidence to a language produced with certain subjectivity. Thus, much more than answers, we expect to bring up questionings that lead us to think of a linguistic behavior, especially the contemporary one, considering, perhaps, that young speakers beg for novelties, wishing for a world where words are their weapons, and language their strength.

Keywords: *youth, language and subjectivity.*